

# DINÂMICA DE PODER EM REDES INTERORGANIZACIONAIS: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DOS CONCEITOS DE *HABITUS*, CAMPO E CAPITAL DE BOURDIEU

Power Dynamics in Interorganizational Networks: an analysis from Bourdieu's  
concepts of *habitus*, field and capital

TEIXEIRA, J. C.  
MOREIRA, L. B.  
CASTRO, C. C. DE

Recebimento: 17/05/2011 – Aceite: 01/07/2011

**RESUMO:** Dada a crescente importância do fenômeno redes no campo da teoria organizacional e a necessidade do surgimento de abordagens mais multidisciplinares sobre o tema, o presente artigo visa analisar as dinâmicas de poder que ocorrem em redes interorganizacionais por meio dos escritos do filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu, e as potenciais contribuições de seus conceitos de campo, capital e *habitus* para a compreensão das relações de poder que ocorrem em uma rede. Por meio da análise dos conceitos de Bourdieu, observou-se que as relações de poder entre organizações, assim como as relações que se dão nos campos sociais, podem se estabelecer através de dinâmicas que depreendem análises mais amplas, relacionadas com o tipo de capital simbólico que as organizações (pessoas que nelas se inserem) possuem, o campo em que estão inseridas e pela internalização do *habitus* por parte de seus membros. Assim, o ensaio teórico propiciou a análise do poder nas redes sob uma ótica mais abrangente, englobando o espaço social em que as organizações se inserem.

**Palavras-chave:** Poder. Redes. *Habitus*. Campo. Capital.

**ABSTRACT:** Due to the growing importance of the networks phenomenon in the organizational theory field and the need of emerging of multidisciplinary approaches on this subject, this study aims to analyze the power dynamics that occur in interorganizational networks, through the writings of the philosopher and sociologist Pierre Bourdieu, considering potential contributions of his concepts of field, capital and *habitus*, to understand the power relations

which occur in a network. Through the analysis of Bourdieu's concepts, it was observed that power relationships among organizations as well as the relations that occur in social fields can be established through dynamics that induce broader analysis, related to the type of symbolic capital that organizations have, the field in which they are located and the *habitus* internalization. Thus, this theoretical essay provided the analysis of power in networks in a broader prospect, encompassing the social space in which organizations are located.

**Keywords:** Power. Networks. *Habitus*. Field. Capital.

## Introdução

As profundas transformações que a sociedade vem enfrentando, tanto de cunho econômico quanto social, cultural e político, com a modernização dos processos, a aproximação dos mercados, o aumento da concorrência e competitividade em nível global, maior exigência dos consumidores, dentre outros aspectos, fizeram surgir diferentes formatos de organizações. Miles e Snow (1992) destacaram que o atual ambiente global competitivo impulsionou o surgimento de estruturas mais flexíveis, que se distanciariam daquelas centralmente coordenadas e altamente hierarquizadas. Devido a esse cenário, as organizações têm buscado, através da formação das redes, superar os obstáculos impostos pela alta competitividade e dinamismo do ambiente. A teoria de redes contribui para uma melhor compreensão das organizações e suas interações, apesar de dar pouca importância às assimetrias decorrentes das relações entre seus agentes, como por exemplo, a dimensão do poder, que é uma variável que interfere significativamente no funcionamento das redes, sendo que, de acordo com Tureta et al (2006), poucos são os estudos que fazem essa análise.

O poder pode ser analisado sob diversas abordagens, e há diversos autores que buscam defini-lo. Segundo Ribeiro (2008), para

Richard Adams, o poder é o controle que um coletivo possui sobre o ambiente de outro coletivo; para Max Weber, o poder é aquela capacidade de incitar o outro a fazer o que não quer e Eric Wolf apresenta o poder estrutural, enfatizando a capacidade que forças e relações históricas têm de criar e organizar cenários que constroem as possibilidades de ação das pessoas. Esses são apenas alguns dos autores que buscam compreender o fenômeno do poder, tão presente nas relações organizacionais.

Afirma-se que rede é um conjunto de organizações inter-relacionadas, que se referem às relações de troca e interação com um conjunto de organizações (RODRIGUES et al, 2007; BALESTRIN; VARGAS, 2002). Nessa perspectiva, observa-se uma possível aproximação em relação à consideração de Bourdieu (1989) de que os campos sociais são constituídos por uma série de relações e inter-relações baseadas em valores específicos e práticas que operam em certos contextos. Esse campo é heterogêneo, composto de diferentes atores, instituições, discursos e forças em tensão. Dentro de um campo, estratégias de cooperação e conflito entre atores determinam seu sucesso ou fracasso (RIBEIRO, 2008).

Observa-se que diversos trabalhos que englobam a temática do poder e redes são de cunho quantitativo (PROVAN et al, 1980; BONACICH, 1987; YAMAGISHI; COOK, 1990; BRAUN; GAUTSCHI, 2006), seguin-

do a corrente dominante positivista, com a mensuração do poder e prestígio por meio de análises estatísticas. O presente trabalho buscou uma análise alternativa a essa temática, por meio de uma abordagem teórica qualitativa, a qual considera o poder como um bem não passível de ser possuído, mas um fenômeno que se expressa nas relações. Dessa forma, o presente trabalho objetiva propor uma análise das relações de poder que ocorrem entre os atores de uma rede interorganizacional por meio da perspectiva de poder de Bourdieu, e das potenciais contribuições de seus principais conceitos de *habitus*, campo e capital.

Bourdieu (1996) define *habitus* como princípios geradores de práticas distintas. Sobre as redes, pode-se dizer que sejam formadas por organizações cujas pessoas possuem objetivos em comum, isto é, uma visão conjunta. A forma como vão agir e as posições que ocupam no espaço social são direcionados pelas condições objetivas e também pelo *habitus*. O campo, por sua vez, é definido como um universo relativamente autônomo, com regras próprias de funcionamento e com suas próprias relações de força, não sendo estruturas fixas (BOURDIEU, 1989). Assim, a dinâmica de concorrência e dominação presente no interior do campo pode ser trazida à realidade das redes, além do fato que a distribuição de capital nos campos é desigual, como acontece também nas redes. Por fim, o autor destaca que são as formas de capital que estruturam o espaço social, ressaltando o capital simbólico, o qual se refere à acumulação de prestígio e honra (CARVALHO; VIEIRA, 2007). Nesse sentido, uma organização cujos membros detêm poder em determinada rede depende principalmente do reconhecimento desse poder pelos membros das outras organizações.

Para alcançar os objetivos pretendidos, o presente artigo divide-se da seguinte forma: primeiramente, discute-se o conceito de redes

interorganizacionais; em seguida, o poder é apresentado sob a perspectiva de Bourdieu – o poder simbólico – compreendido por meio das concepções de *habitus*, campo e tipos de capital. A partir dessas abordagens, discute-se especificamente a dinâmica de poder em redes interorganizacionais, destacando o campo social, capital e *habitus*, com a apresentação de uma figura-síntese do esquema teórico aqui proposto.

## Redes interorganizacionais

O conceito de rede não é restrito ao âmbito organizacional. Grandori e Soda (1995) chamam atenção justamente para o fato de que rede é um conceito utilizado por uma variedade de ciências. Sua utilização no contexto organizacional é recente, sendo já aplicado anteriormente por outras ciências. Os autores afirmam que as redes estão presentes em toda essência da teoria organizacional. Balestrin e Vargas (2002, p.01) destacam que “desde que a humanidade existe, as pessoas e as organizações sempre mantiveram inter-relações”. A utilização do conceito no campo organizacional emerge em um contexto de decadência do modelo de produção das grandes firmas integradas (PERROW, 1992).

Afirma-se que, quanto ao conceito em termos abstratos, as redes se referem a um ajuste de nós e relações que conectam empresas (GRANDORI; SODA, 1995). Rodrigues *et al* (2007, p.178) afirmam que “rede vem do Latim (rede, redis), significando teia”. Eles destacam autores que especificam as redes como sendo o “entrelaçamento de fios [...] com aberturas regulares fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido.” A maior parte dos autores utiliza o conceito de redes interorganizacionais similar ao conceito destacado por Balestrin e Vargas (2002), como significando um conjunto de organizações inter-relacionadas. Rodrigues *et al* (2007,

p. 179) afirmam que “as redes interorganizacionais referem-se às relações de troca e interação com um conjunto de organizações no ambiente de operação”.

Mas, em que contexto o termo passou a ser aplicado ao âmbito organizacional? Além da já referida decadência do modelo de produção de grandes firmas integradas (PERROW, 1992), vários são os fatores empíricos considerados para a emergência de formas mais efetivas de interação entre organizações. Castells (2006), por exemplo, contextualiza a emergência do fenômeno com o advento do que chama de sociedade informacional. Nohria (1992) já aponta como fatores para emergência das redes interorganizacionais o surgimento do que chama de *nova competição*, que seria caracterizada pelo crescimento de pequenas empresas, distritos regionais, novas indústrias e também o crescimento das economias asiáticas

Há também fatores empíricos como a expansão de mercados, a rapidez de avanços tecnológicos, a maior facilidade de trocas informacionais e o fim da estabilidade de vantagens competitivas (VERSCHOORE; BALESTRIN, 2008). Além destes, o aumento de incertezas e complexidade ambientais (HATCH, 1997); a emergência de mercados globalizados, as evoluções tecnológicas e uma difusão cada vez maior de informações (CASAROTTO FILHO; PIRES, 1999) e o colapso do capitalismo e de grandes empresas engessadas (PERROW, 1992). Peci (1999) também reforça este último fator, afirmando que empresas caracterizadas pela hierarquização e pela integração vertical são cada vez menos adequadas ao contexto atual.

A teoria de redes passa então a conquistar um amplo espaço no campo organizacional (TURETA *et al*, 2006), passando por um crescimento exponencial (BORGATTI; FOSTER, 2003) e acabando por “tomar uma

dimensão basilar e revolucionária na estruturação das organizações e da sociedade” (BALESTRIN; VARGAS, 2002, p.01). E esse crescimento se deu em várias disciplinas (BORGATTI; FOSTER, 2003). Verschoore e Balestrin (2008 p. 1045), por exemplo, afirmam que a “idéia de cooperação em rede está em processo de consolidação na sociedade contemporânea”. Muls (2008) afirma que o tema se torna cada vez mais comum em revistas especializadas e na literatura organizacional como um todo.

Como se tratam de diferentes organizações coordenando atividades conjuntamente, questões de governança surgem. E, com elas, dinâmicas de poder vão sendo estabelecidas nas redes, gerando inclusive diferentes conformações morfológicas e diferentes estratégias de condução. Observa-se, na literatura, a existência de diferentes tipos de coordenação dentro das redes, sendo que há redes onde se polariza o poder em firmas centrais ou em agentes intermediários, chamados *brokers* (FERREIRA *et al*, 1998; PROVAN; HUMAN, 1999; OLIVEIRA; CÂNDIDO, 2002; OKE *et al*, 2008). Porém, há também redes em que não há uma coordenação central e há maior difusão de poder.

Como há um crescente pluralismo teórico no campo de estudos organizacionais sobre redes (TURETA *et al*, 2006), sua complexidade demanda perspectivas teóricas cada vez mais diferentes. Além disso, ainda em processo de consolidação, há uma demanda por maior multidisciplinaridade em sua análise (BARRINGER; HARRISON, 2000). Ribeiro (2000) defende que o caráter polissêmico da noção de rede precisa ser reconhecido e, mais ainda, analiticamente enfrentado. Nesse contexto, o presente artigo visa à discussão de uma temática que amplia o potencial de multidisciplinaridade da teoria, por meio da reflexão acerca de um cruzamento entre poder e redes.

## O poder na perspectiva de Pierre Bourdieu

No que concerne à temática do poder, há diversas correntes teóricas que buscam compreendê-lo e defini-lo. Não há uma teoria do poder, ou algum conceito que o defina por completo, o que abre espaço para que seja analisado sob diversas abordagens, dada a sua complexidade. Dentre essas abordagens, a do francês Pierre Bourdieu (1930-2002) tem exercido grande influência nos estudos organizacionais.

Misoczky (2003) afirma que Bourdieu desenvolve uma relação de mão dupla entre estruturas objetivas (dos campos sociais) e estruturas incorporadas (do *habitus*). Segundo a autora, Bourdieu caracterizava seu trabalho como “construcionismo estruturalista” e também “estruturalismo construcionista”, o que mostra a articulação dialética entre objetivismo e subjetivismo. Bourdieu destaca o *pensar relacionalmente* que “[...] é tão verdadeiro quando se trata da construção do objeto, sem dúvida a operação mais importante e, no entanto, a mais completamente ignorada, sobretudo na tradição dominante, organizada em torno da oposição entre a ‘teoria’ e a ‘metodologia’” (BOURDIEU, 1989, p. 23). Ou seja, “[...] as opções técnicas mais ‘empíricas’ são inseparáveis das opções mais ‘teóricas’ de construção do objeto” (BOURDIEU, 1989, p. 24).

Nessa perspectiva, critica o monoteísmo metodológico, sugerindo uma combinação da “[...] mais clássica análise estatística com um conjunto de entrevistas em profundidade ou de observações etnográficas [...]. Em suma, a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a *rigidez*, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o *rigor*” (BOURDIEU, 1989, p. 26, grifos no original).

Ademais, Bourdieu apresenta o poder como um poder simbólico de construção da realidade (BOURDIEU, 1989). Rosa (2007) afirma que a manipulação dos aspectos simbólicos na organização, além de contribuir para a formação de uma comunidade de significados, exerce também um papel de controle. Os símbolos seriam então instrumentos de integração social, que tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social. (BOURDIEU, 1989). Nessa perspectiva, Bourdieu vai mais além e questiona o modo de pensamento dominante acerca do poder:

[...] alguns perguntar-se-ão *onde* está ele, *quem* o detém (*Who governs?*), outros se ele vem de cima ou de baixo, etc. [...] É para romper com este modo de pensamento [...] que empregarei o termo *campo de poder*, entendendo por tal as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder, entre as quais possuem uma dimensão capital as que têm por finalidade a definição da forma legítima do poder [...] (BOURDIEU, 1989, p. 28-29, grifos no original).

Assim, o poder não é algo passível de ser possuído, mas fruto das relações entre as posições sociais, em função do capital; é um poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem, é um poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica, só se exerce se for reconhecido, ou seja, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989).

Portanto, percebe-se que Bourdieu buscou superar as dicotomias do objetivismo/subjetivismo, material/simbólico, a partir de uma abordagem multiparadigmática, o que

contribui para a compreensão das formas de dominação inscritas nas práticas sociais (ROSA, 2007).

## O poder simbólico: *habitus*, campo e tipos de capital

Bourdieu buscou um conceito que fizesse com que as estruturas sociais deixassem de ser vistas como externas e independentes dos indivíduos e passassem a ser abordadas como um conjunto de ações e relações sociais do mundo social. Nessa perspectiva, a relação social entre os indivíduos seria também uma relação de crenças, valores e ideias aprendidas por eles ao longo de suas vidas (ROSA, 2007). Bourdieu chamou de *habitus* esse conjunto de comportamentos aprendidos e estruturadores da ação.

De acordo com Wacquant (2006), *habitus* é uma noção filosófica antiga, cujas raízes encontram-se no pensamento aristotélico de *hexis*, elaborado em sua doutrina sobre a virtude, que significava um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os sentimentos e desejos do homem em uma situação e, assim, sua conduta.

Bourdieu busca romper com o *mainstream* dominante das ciências sociais, ao afirmar que o *habitus* exprime a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo, etc. (BOURDIEU, 1989). Dessa forma, *habitus* é definido como um sistema de disposições duráveis, *estruturas estruturadas* que operam como *estruturas estruturantes*, ou seja, gerando e organizando as práticas e representações. Os *habitus* são os princípios geradores de práticas distintas, como por exemplo, o que o trabalhador come e, sobretudo, sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, e assim por diante (BOURDIEU, 1996).

Já em relação ao conceito de campo, Bourdieu (1989) o define como sendo um universo relativamente autônomo de relações específicas, ou seja, é um espaço estruturado com regras próprias de funcionamento e com suas próprias relações de força. Nesse sentido, pode-se entender a heterogeneidade da sociedade, pois existem campos sociais diversos, com características próprias e que lhe conferem particularidades. A estrutura desses campos vai se atualizando e as relações entre os agentes orientam as estratégias futuras. Os capitais são os objetos de disputa e ditam o ritmo dos conflitos entre os agentes. Quem acumular mais capital pode conquistar a hegemonia do campo. Assim, os campos sociais inserem-se nos campos de poder, em que as relações de poder são essas relações de força, influenciando os diferentes campos sociais. O campo de poder é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital, ou mais precisamente, entre os agentes bem providos de um dos diferentes tipos de capital para poder dominar o campo correspondente e cujas lutas se intensificam sempre que o valor relativo dos diferentes tipos de capital é posto em questão. Os campos de poder, portanto, estão imersos em uma dimensão ainda mais ampla, a dos espaços sociais, que é onde os diversos campos se estabelecem e se delimitam (BOURDIEU, 1989; 1996).

A posição de um determinado agente no espaço social pode ser definida pela posição que ele ocupa em diferentes campos, ou seja, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja o capital econômico, o cultural, o social ou o simbólico. Dessa forma, o campo social é um espaço multi-dimensional de posições, segundo o volume global do capital que possuem (BOURDIEU, 1989). O capital é, assim, o elemento central das disputas entre os agentes. Quatro são os tipos de capitais considerados por Bourdieu (1996):

Capital econômico: formado pelos fatores de produção (terra, fábrica e trabalho) e de recursos econômicos (renda, patrimônio, bens materiais);

Capital cultural: formado pelo conjunto das qualificações intelectuais, como títulos, talentos;

Capital social: formado pela rede de relações de interconhecimento e conhecimento mútuo, como círculo de amigos, colegas da faculdade;

Capital simbólico: relaciona-se ao conjunto de rituais de honra e reconhecimento, ou seja, trata-se do reconhecimento dos capitais anteriores segundo sua importância em cada campo.

São essas formas de capital que estruturam o espaço social, e por isso ele se torna diferenciado e hierarquizado, devido à desigual distribuição de capitais. Essa diferenciação acontece em duas dimensões: na primeira, é de acordo com o volume global do capital; na segunda dimensão, é de acordo com a composição do capital (BOURDIEU, 1989).

## **Poder na perspectiva de Bourdieu versus Redes: um diálogo entre essas dimensões**

Antes de dar início ao diálogo entre as duas dimensões de análise aqui apresentadas – o poder na perspectiva de Bourdieu e redes – a discussão será iniciada com as contribuições que a perspectiva teórica de Bourdieu pode trazer para os estudos de redes na literatura, explicando o porquê da utilização de sua teoria para o presente ensaio teórico. Em seguida, serão explicadas especificamente as relações encontradas entre os três conceitos discutidos de Bourdieu – campo social, capital simbólico e *habitus* – com o conceito de redes. Por fim, será apresentada uma figura contemplando a síntese do esquema teórico aqui proposto.

## **Por que utilizar a teoria de Bourdieu para o contexto das redes?**

As redes organizacionais podem ser estudadas sob diferentes correntes paradigmáticas (positivistas e não-positivistas) e perspectivas teóricas (economia industrial, estratégia, dependência de recursos, marxista e crítica, rede social, ecologia populacional, teoria sistêmica, contingencial, dentre outras), denotando sua complexidade e abrangência (BALESTRIN; VARGAS, 2002). Da mesma maneira, o poder também pode ser analisado sob diferentes abordagens, que buscam compreendê-lo em sua totalidade.

Emirbayer e Johnson (2008) chamam a atenção para o fato de que a análise organizacional ainda tem muito a explorar dos escritos de Bourdieu. Afirmam que há contribuições potenciais tanto teóricas quanto empíricas para os estudos organizacionais e que, apesar dos conceitos de campo e de capital simbólico de Bourdieu serem já conhecidos na literatura organizacional, os mesmos ainda não são suficientemente explorados, embora muitos pesquisadores e teóricos tomem emprestados esses conceitos, seja para aprofundá-los, seja para aplicá-los a contextos diferentes (THIRY-CHERQUES, 2006, p.51).

Além disso, percebe-se que os conceitos campo social, capital e *habitus* trazem importantes decorrências para a análise da dinâmica de poder em redes. Emirbayer e Johnson (2008) aplicam os conceitos de Bourdieu de um ponto de vista relacional, analisando as implicações dos mesmos para as relações interorganizacionais. Sua aplicação a esse contexto amplia as visões de poder comumente restritas às capacidades individuais dos atores dentro de uma relação, provendo um foco mais amplo na dinâmica de poder que ocorre dentro das redes, que seriam,

através dessa perspectiva, mais baseadas nas posições relativas dos indivíduos e, principalmente, no capital simbólico que cada um dos membros da rede possui.

Ainda, tais conceitos permitem a consideração de que conflitos sejam inerentes a formas de cooperação entre membros de uma rede. Cada membro se insere na rede movido por determinados interesses que serão defendidos ao longo da coordenação da mesma. Torna-se necessário, pois, ir além de ideias ingênuas de que as redes se constituem apenas de formas de cooperação. Pois até mesmo cooperando, as organizações podem competir. E mesmo em formas de cooperação, estas cooperam visando um dado objetivo e interesse próprio.

A atual e já citada utilização do conceito de redes para o âmbito organizacional, migrando de sua utilização anterior apenas em outros contextos, demonstra também uma evolução em que a problemática de poder se encontra presente. Segundo Ribeiro (2000, p.14), a reflexão das noções de rede estimula “a compreensão de que a problemática do poder e da ação social encontram-se presentes em qualquer escala da vida social [...]”.

Portanto, empreender uma análise do poder nas redes é de significativa contribuição por explorar uma dimensão subjetiva, muitas vezes não explorada na literatura. Afirma-se ainda que seja através da teoria de redes que se torna possível entender melhor as formas de poder e dominação trabalhadas por Bourdieu (DUBOIS, 2005).

## **Campo social em redes**

Segundo Bourdieu (1996), o universo econômico é formado de vários mundos econômicos, que são dotados de *racionalidades* específicas, as quais supõem e exigem disposições mais do que racionais, o que faz com que esses mundos criem condições ob-

jetivas para os agentes sociais. As redes estão imersas nesses mundos econômicos, e por isso, possuem racionalidades específicas, que norteiam suas atividades. Pode-se dizer que nesses mundos econômicos, as organizações deparam-se com a concorrência, tão presente e discutida nos estudos contemporâneos.

Os campos, segundo Bourdieu (1989), não são estruturas fixas, e resultam de processos de diferenciação social, sendo espaços estruturados de posições. A dinâmica de concorrência e dominação presente no interior do campo pode ser trazida à realidade das redes, além do fato de que a distribuição de capital nos campos é desigual, o que acontece também nas redes. Dessa forma, justificam-se os conflitos existentes entre as organizações dominantes, que procuram defender os seus privilégios.

Considerando o conceito de campo proposto por Bourdieu, o mesmo se apresenta como espaço estruturado em que as posições nele ocupadas determinam suas propriedades independentemente das características de cada ocupante da posição. Movendo para o contexto das redes, observa-se na literatura grande importância dada à posição que as firmas ocupam nas redes como determinantes também da dinâmica presente de poder ou de governança. Em vários casos, pode-se observar, no estudo de morfologias de redes, que firmas centrais acabam por ocupar posições também centrais, que lhes permitem o adequado estabelecimento de contatos necessários, bem como a coordenação das relações que se dão ao longo da rede. Nessa análise, há uma transposição da teoria do campo de Bourdieu, direcionada para os indivíduos, para uma análise de posições baseada nas organizações, o que merece cautela. Nesse sentido, ressalta-se que as posições ocupadas pelas organizações em uma dada rede influenciarão as posições ocupadas pelos indivíduos que nelas se inserem, já que as relações são



baseadas nas unidades organizacionais, e não nos indivíduos.

Afirma-se ainda que qualquer campo que consiste em duas ou mais organizações deve ser conceituado como uma configuração de relações não entre entidades concretas, mas entre os nós que essas entidades estabelecem em uma dada rede ou configuração, e que as posições ocupadas no espaço do campo constituem uma estrutura ou um estado temporário de relações de poder, que seria uma luta em curso para a dominação sobre o campo (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008).

Desse modo, a análise da dinâmica de redes por meio de uma visão que não elimine os efeitos estruturais e as relações de poder, que pode ser obtida através do conceito de campo de Bourdieu, seria mais adequada para empreender como de fato as relações se estabelecem entre os agentes de uma rede quanto à dinâmica de poder. Através da noção de campo do autor, pode-se compreender a questão de que o poder dentro das redes não é necessariamente determinado, por exemplo, por mecanismos formais de regulação. Brusco (1999), ao analisar mecanismos de governança no distrito industrial de Emilia-Romagna, Itália, verificou que, mesmo com o surgimento de normas formais para regulamentar a dinâmica do distrito, as normas não escritas, ou seja, informais, eram significativas para o mesmo.

O conceito de campo de Bourdieu permite uma análise mais interativa do poder em redes, em que os seus membros podem tanto exercer poder quanto sofrer sua ação. Carvalho e Vieira (2007) afirmam que, de acordo com a ideia de Bourdieu, assim como em um jogo de xadrez, as posições e os recursos detidos por indivíduos não têm valor isolado, mas sim em relação à posição ocupada pelos outros indivíduos. Nas redes, também a posição da organização relativa à posição das demais organizações em uma rede determina diversas questões de governança. Por

exemplo, determinam maior facilidade ou não de comunicação, de controle e de acesso a informações.

Ainda como contribuição da noção de campo, está a questão dos conflitos nas redes. Alguns estudos tratam dos possíveis conflitos de interesses que podem surgir em formatos de redes (HUTT *et al*, 2000; NORDIN, 2006). Bourdieu (1989) define campo como um campo de forças que age sobre aqueles que entram nele, de acordo com a posição que ocupam, ao mesmo tempo em que nesse campo ocorrem conflitos competitivos, que tendem a conservar ou transformar esse campo de forças. Esses conflitos e batalhas, de acordo com Dubois (2005), trazem para o jogo questões de poder e dominação.

Porém, analisar as redes somente do ponto de vista do campo não é suficiente, pois, como Emirbayer e Johnson (2008) afirmam, o conceito de campo perde seu poder explicativo se estiver separado dos outros conceitos de Bourdieu: o de capital e o de *habitus*. Relativamente ao conceito de campo, afirma-se que a posição da organização em uma rede, similarmente à noção de capital de Bourdieu, seria determinada pelo tipo de capital que cada membro desta rede possui, notadamente, o capital simbólico, baseado no reconhecimento deste capital pelos outros membros. E é sobre esse capital que se segue a análise seguinte.

## Capital Simbólico em Redes

Para compreender como as estruturas de poder são traçadas e investigadas de maneira sistemática em uma configuração de relações de poder, o conceito de capital deve ser incluído, pois o mesmo é interdependente do conceito de campo (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008). “A noção de poder simbólico não se caracteriza pela posse de um recurso ou propriedade objetiva [...], mas pelo reconhecimento desse recurso, propriedade ou capital,

pelos outros atores sociais” (CARVALHO; VIEIRA, 2007, p. 28). É a partir dessa ideia que se pode colocar a importância da análise do poder nas redes através da noção de capital simbólico de Bourdieu. Como se observou através da noção de campo, a dinâmica de poder se relaciona com as posições ocupadas pelos membros das firmas em dada rede, e essa posição pode ser determinada pelo tipo de capital simbólico que cada membro da rede possui. Sendo simbólico, ele depende não só de sua posse ou conhecimento, mas, principalmente, de seu reconhecimento.

Visto que “o capital simbólico refere-se à acumulação de prestígio, honra, consagração” (CARVALHO; VIEIRA, 2007, p.28), uma organização que detém poder em determinada rede depende não só, por exemplo, do conhecimento ou dos recursos que detém, mas principalmente do reconhecimento desse recurso pelas outras organizações. É esse reconhecimento que legitima o recurso como determinante de uma estrutura de poder.

São várias as razões pelas quais as organizações se integram em formas de rede, buscando maior acesso a conhecimento, informações, inovação, desenvolvimento tecnológico, dentre outras. O reconhecimento do recurso detido por uma determinada organização na rede dependerá dos objetivos pelos quais as demais organizações estão se inserindo na mesma. Se o recurso detido por determinada organização é o valorizado pelos membros da rede, dentro da noção de capital simbólico, é esse reconhecimento que pode ser colocado como determinante da configuração de poder que se estabelecerá dentro da mesma.

Carvalho e Vieira (2007) afirmam que os diversos tipos de capital funcionam como trunfos em um jogo, ou seja, quanto mais capital o agente detiver, mais recompensas ele obterá do campo, e terá mais possibilidades de ocupar uma posição no campo de poder. Nessa perspectiva, os autores afirmam que

os agentes se diferenciam pelo tipo de capital predominante em seus recursos simbólicos, seja ele cultural ou econômico.

Propõe-se, então, uma análise da dinâmica de poder em redes não baseada em fontes ou recursos de poder detidos pelas organizações individuais, mas pela interação entre os membros da rede, que valorizam determinado capital simbólico, seja ele econômico, cultural ou social. As abordagens de redes sociais (BURT, 1992; HUTT *et al*, 2000; GARGIULO; BENASSI, 2000; PROCOPIUCK; FREY, 2007) ampliam a questão da importância do capital social nas redes. Os distritos industriais, por exemplo, são versões de redes sociais que viabilizam polos industriais bastante competitivos, corroborando com o que Bourdieu denominou de capital social, como sendo um agregado de recursos potenciais ou atuais associados à posse de duráveis redes de relacionamento, reconhecimento e comprometimento mútuo (BOURDIEU, 1986).

Assim como é complexo o fenômeno redes interorganizacionais, há uma gama de diferentes tipos de capital que podem estar presentes no mundo contemporâneo (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008). Desse modo, analisar as redes sob o ponto de vista de capital necessita de um foco além da predominante importância dada a recursos materiais, presente em perspectivas econômicas, pois quando falamos de redes organizacionais, vários são os tipos de capitais que podem estar envolvidos, pois conforme Bourdieu (1989), a posse de qualquer um dos tipos de capitais (financeiros, de informações, jurídicos, técnicos, políticos e outros) pode permitir aos detentores o exercício de uma influência.

### **Habitus em redes**

Importante destacar que, de acordo com Thiry-Cherques (2006), correntes convencio-

nalistas e partidários da noção evolucionista de tipos de sociedade não aceitam o conceito de *habitus* por acreditarem que o mesmo desconsidera relações de cooperação, amizade e responsabilidade. De acordo com tal afirmação, poderia se chegar a uma invalidação da aplicação do conceito de *habitus* ao contexto das redes, dado que primordialmente são estabelecidas como formas de cooperação, ainda que envolvidas em complexos relacionamentos para além da cooperação. Porém, é justamente por considerar que as redes vão muito além da questão da cooperação e de que, principalmente questões envolvidas com dinâmicas de poder envolvem conflitos, é que o conceito de *habitus* pode ser aplicado para analisar a formação e também a manutenção de dinâmicas de poder envolvidas nas redes.

Carvalho e Vieira (2007) afirmam que as regras da disputa por posição são definidas pelo *habitus* e esse conceito refere-se ao conjunto de *ferramentas* simbólicas adquiridas pelos jogadores no campo político. Os *habitus* são gestos, pensamentos e formas de estar que os indivíduos incorporam de tal forma que já não têm consciência deles. O que é importante ressaltar do conceito de *habitus* para a dinâmica de poder nas redes é que, de acordo com o conceito de Bourdieu, o *habitus* determinaria a posição dos membros da rede em um campo, ao mesmo tempo em que as posições determinariam o *habitus*.

Quanto à influência do *habitus*, considera-se que o mesmo estrutura a percepção quanto às possíveis tomadas de posições na arena organizacional, como sendo mais adequadas ou desejáveis do que outras (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008). Desse modo, pode-se colocar que os conceitos e sistemas de disposições que funcionam em um dado momento em um campo organizacional, que são internalizados como *habitus*, constituem e reforçam a dinâmica de poder existente nas redes.

O *habitus*, de acordo com Thiry-Cherques (2006, p.33) “denota o sistema de disposições

duráveis e transferíveis, que funciona como princípio gerador e organizador de práticas e de representações”. Além disso, é tanto adquirido através da interação social, como também classifica e organiza tal interação. É “condicionante e é condicionador das nossas ações” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.33). Desse modo, a dinâmica de poder construída por uma rede seria condicionada pelo *habitus* que seria esse princípio que geraria e organizaria as práticas e representações da rede. Não obstante, poder-se-ia, por exemplo, encontrar dificuldades para que os membros da rede pudessem explicitar o modo como as práticas já arraigadas dentro da dinâmica de poder em que atuam foram estabelecidas e construídas ao longo do tempo. Pois, de acordo com a perspectiva do *habitus*, tanto tais práticas quanto até os tipos de capitais que seriam valorizados dentro da rede seriam fruto de práticas incorporadas muitas vezes, sem já ter consciência. Tal *habitus* seria, pois, condicionante e condicionador das ações dos membros da rede.

Para que uma dinâmica de poder se estabeleça, sua legitimidade precisa ser garantida. Em primeiro lugar, há a já citada questão do tipo de capital que seria valorizado. Porém, mais ainda, se poderia dizer que até mesmo a determinação do tipo de capital valorizado seria fruto do *habitus*, mais especificamente da *doxa* e *nomos* presentes no campo, que são dois outros conceitos utilizados por Bourdieu relacionados aos três aqui analisados. Thiry-Cherques (2006) afirma que *doxa* seria o senso comum presente no campo, e *nomos* as leis gerais que governam tal campo. Poder-se-ia empreender, pois, que tal *doxa* e *nomos* seriam base para a garantia da legitimidade da dinâmica de poder presente no ambiente da rede. A *doxa* representa o senso sob o qual todos os membros da rede estariam de acordo, relacionada à determinação do “que é interessante ou não, o que é demandado ou não” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.37). O

senso comum e as leis gerais que governam a rede, que seriam também representativos do *habitus*, legitimariam as relações de poder presentes entre as organizações que atuam em conjunto, determinando polarizações ou não de poder.

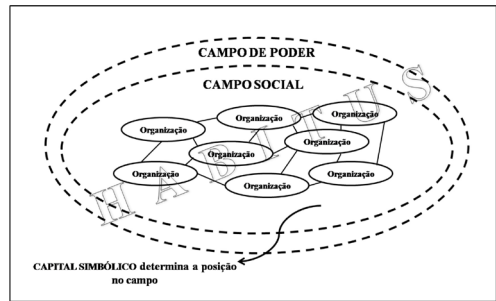
Com relação à cooperação, Bourdieu traz no conceito da economia das trocas simbólicas algumas contribuições significativas para compreendê-la. A primeira propriedade desse conceito afirma que *as trocas têm sempre verdades duplas*, isto é, os agentes podem ser, simultaneamente, mistificadores de si próprios e dos outros, e mistificados, porque foram imersos, desde a infância, em um universo no qual a troca de dádivas é socialmente instituída em disposições e crenças, escapando dos paradoxos criados artificialmente (BOURDIEU, 1996). Trazendo isso para as redes, pode-se afirmar que, quando se esquece que quem dá e quem recebe estão preparados e inclinados a entrar sem intenção nem cálculo de lucro na troca generosa, através de um processo de socialização, a lógica se impõe a elas de forma objetiva, ou seja, a dádiva gratuita não existe, o que acontece é uma troca que obedece à lógica da reciprocidade.

Outra propriedade da economia das trocas simbólicas é o *tabu da explicitação*, que pode denotar mais um fenômeno presente nas redes, o oportunismo. Segundo Bourdieu (1996), o tabu da explicitação diz respeito ao preço, que deve ficar implícito, de certa forma ignorado: [...] não quero saber a verdade sobre o preço e não quero que o outro saiba (BOURDIEU, 1996, p. 168). Alguns agentes das redes tentam burlar as regras para ganhar alguma vantagem. Essa é uma das razões dos autores afirmarem que há um excessivo gasto para assegurar que as relações estão ocorrendo de forma honesta. Outro fenômeno destacado por Bourdieu é o do *common knowledge*, que é uma informação. [...] que todos sabem que todos possuem essa informação”,

ou seja, “sei que sabes que, quando te dou algo, sei que retribuirás” (BOURDIEU, 1996, p. 169). Isso se faz presente nas redes, muitas vezes através das trocas de favores.

## Síntese das relações entre os conceitos de Bourdieu e a dinâmica de poder em redes

A partir das proposições teóricas encontradas na literatura e as análises realizadas, propõe-se o seguinte esquema:



**Figura1- Habitus, Campo e Capital em Redes**  
Fonte: Elaborada pelos autores

As organizações estão imersas em um campo social, constituído por diversos atores. Quando se integram em uma rede, compartilham interesses e objetivos com outras organizações. A constituição da rede por diferentes atores evidencia a questão do campo social, em que há luta por capitais, de acordo com as definições de Bourdieu. Assim, esse campo social também se insere em um campo de poder. Nesse campo, a posição dos membros da rede é determinada pelo capital simbólico que possuem. O reconhecimento desse capital pelos outros membros da rede é oriundo de práticas incorporadas que constituem o *habitus*. Essas práticas incorporadas dentro de todo o campo de poder refletem o compartilhamento de interesses e objetivos pelas organizações, que se constituem, muitas vezes, de forma inconsciente, determinando

as relações de poder presentes nas redes interorganizacionais.

Tais relações se dão de uma forma dinâmica, pois as posições no campo não são estáticas, visto que as lutas por capitais e os conflitos decorrentes dessas lutas provocam alterações no poder de influência das organizações e de seus membros dentro de uma rede.

## Considerações finais

A teoria das organizações tem passado por diversas discussões e questionamentos, o que contribui para seu enriquecimento e para o surgimento de abordagens múltiplas que vêm enriquecer os estudos organizacionais. Conforme apresentado, a partir da evolução dos formatos organizacionais, houve a necessidade de se expandir também o escopo de possibilidades para compreender os fenômenos neles existentes.

O presente estudo buscou traçar um diálogo entre a perspectiva de poder de Bourdieu, através dos conceitos de campo, capital e *habitus*, e as redes interorganizacionais, em uma análise de cunho qualitativo que destacou os principais conceitos acerca do poder na perspectiva de Bourdieu presentes no contexto das redes, visto que a maioria dos estudos sobre redes são realizados a partir de uma perspectiva positivista.

Portanto, o presente trabalho apresenta-se como uma proposta teórico-metodológica alternativa à corrente dominante positivista, e buscou ressaltar as lacunas que podem ser

compreendidas através de uma análise mais subjetiva.

Ressalta-se que esse trabalho não visou empreender uma análise profunda sobre a aplicabilidade dos conceitos de Bourdieu ao contexto das redes interorganizacionais. Pretendeu-se, prioritariamente, conduzir a análise de uma dimensão subjetiva da dinâmica de poder em redes, não muito usual na literatura, e propor uma perspectiva baseada na obra desse filósofo e sociólogo, já que importantes relações foram observadas com o contexto das redes. O intuito do presente artigo foi propor uma perspectiva diferente para a abordagem do poder nas redes, deixando a sugestão de estudos mais aprofundados sobre as relações aqui analisadas, bem como de estudos empíricos que visem explorá-las.

Por fim, destaca-se o viés multiparadigmático adotado no presente ensaio teórico, já que se busca uma aproximação entre perspectivas que se distinguem relativamente às suas bases epistemológicas. Além disso, Bourdieu (1989;1996) não estudou redes interorganizacionais, seus escritos versavam sobre pessoas e pessoas em determinadas classes sociais. Mas a proposta teórica faz uma transposição para o contexto organizacional, considerando que tal contexto seja construído e sustentado pelos indivíduos, aos quais se aplicam os conceitos do autor. Ainda, o que se defende é que, dada a complexidade dos fenômenos sociais, acreditar na possibilidade de conversação entre teorias se torna relevante, para que não se deixe de lado oportunidades mais enriquecedoras de se investigar um fenômeno social.

## AUTORES

Juliana Cristina Teixeira - Doutoranda em Administração pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais – CEPEAD/UFMG. Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras – PPGAD/UFLA. E-mail: julianacteixeira@yahoo.com.br

Lilian Barros Moreira - Doutoranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGA/UFRGS. Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras – PPGAD/UFLA. E-mail: lilibmoreira@gmail.com

Cleber Carvalho de Castro - Professor adjunto do Departamento de Administração e Economia da Universidade Federal de Lavras – DAE/UFLA. Doutor em Agronegócios e Mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: clebercastro@dae.ufla.br

## REFERÊNCIAS

- BALESTRIN, A.; VARGAS, L. M. Evidências teóricas para a compreensão das redes interorganizacionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2., 2002, Recife. **Anais...** Recife: Observatório da Realidade Organizacional : PROPAD/UFPE: ANPAD, 2002. 1 CD-ROM.
- BARRINGER, B. R.; HARRISON, J. Walking a tightrope: creating value through interorganizational relationships. **Journal of Management**, v. 26, n.3, p. 367-403, 2000.
- BONACICH, P. Power and centrality: a family of measures. **The American Journal of Sociology**, v. 92, n. 5, p. 1170-1182, mar. 1987.
- BORGATTI, S.P.; FOSTER, P. The network paradigm in organizational research: a review and typology. **Journal of Management**, v.6, n.29, p. 991-1013, 2003.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, 311 p.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996, 231p.
- BRAUN, N. GAUTSCHI, T. A Nash bargaining model for simple exchange networks. **Social Networks**, v. 28, n. 1, p. 1-23, 2006.
- BRUSCO, S. The rules of the game in industrial districts. In: GRANDORI, A. **Interfirm networks: organization and industrial competitiveness**. London: Routledge, 1999.
- BURT, T.S. The social structure of competition. In: NOHRIA, N.; ECCLES, R.G. **Networks and organizations: structure, form, and action**. Boston: Harvard Business School Press, 1992.
- CARVALHO, C. A.; VIEIRA, M. F. Sociedade, Organizações e Poder. In: CARVALHO, C. A.; VIEIRA, M. F. **O Poder nas Organizações**. São Paulo, Thomson Learning, 2007, p. 7-34.
- CASAROTTO FILHO, N.; PIRES, L. H. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana**. São Paulo: Atlas, 1999, p. 23-67.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

DUBOIS, S. Domination and power in literature: a reflection bases on contemporary French poetry. **American Sociological Association**, Annual Meeting, Philadelphia, p. 1-21, 21 p., 2005.

EMIRBAYER, M.; JOHNSON, V. Bourdieu and organizational analysis. **Theory & Society**, v. 37, n. 1, p. 1-44, Feb. 2008.

FERREIRA, N. R.; AMATO NETO, J.; PIKMAN, M. Redes de empresas e o desenvolvimento da tecnologia da informação. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 18., Niterói - RJ, 1998. **Anais...** Niterói: UFF.TEP, 1998.

GARGIULO, M.; BENASSI, M. Trapped in your own net? Network cohesion, structural holes, and the adaptation of social capital. **Organization Science**, v.11,n.2, p.183-196, Mar./Apr. 2000.

GRANDORI, A; SODA, G. Inter-firm networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organization studies**, v.16, n.2, p.1-19, 1995.

HATCH, M. J. **Organization Theory**: modern, symbolic and postmodern perspectives. Oxford: Oxford University Press, 1997, p.63-100.

HUTT, M. D.; STAFFORD, E. R.; WALKER, B. A.; REINGEN, P. H. **Case Study**: defining the social network of a strategic alliance. *Sloan Management Review*. Winter, 2000.

MILES, R. E.; SNOW, C. C. Causes of failure in network organizations. **California Management Review**. Summer, v. 34, n.2, p. 53-72, 1992.

MISOCZKY, M. C. A. Implicações do uso das formulações sobre campo de poder e ação de Bourdieu nos estudos organizacionais. **Revista de Administração Contemporânea**, ed. especial, p. 09-30, 2003.

MULS, L.M. Desenvolvimento local, espaço e território: o conceito de capital social e a importância da formação de redes entre organismos e instituições locais. **Revista Economia**, jan./abr. 2008. Disponível em: [http://www.anpec.org.br/revista/vol9/vol9n1p1\\_21.pdf](http://www.anpec.org.br/revista/vol9/vol9n1p1_21.pdf). Acesso em: 18 jun. 2009.

NOHRIA, N. Is a network perspective a useful way of studying organizations? In: NOHRIA, N; ECCLES, R.G. **Networks and organizations**: structure, form, and action. Boston Harvard Business School Press, 1992.

NORDIN, F. Identifying intraorganisational and interorganisational alliance conflicts: a longitudinal study of an alliance pilot Project in the high technology industry. *Industrial Marketing Management*, v. 35, p. 116-127, 2006.

OKE, A.; IDIAGBON-OKE, M.; WALUMBWA, F. The relationship between brokers's influence, strength of ties and NPD project outcomes in innovation-driven horizontal networks. **Journal of Operations Management**, v. 26, n. 5, p. 571-589, 2008.

OLIVEIRA, V. M.; CÂNDIDO, G. A. As formas de organizações em rede e a atuação dos brokers. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 16., Fortaleza – CE, 2006. **Anais...** Fortaleza: 2006.

PECI, A. Emergência e proliferação de redes organizacionais: marcando mudanças no mundo dos negócios. In: XXIII EnANPAD - Encontro da ANPAD, 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 1999.

PERROW, C. Small-firm networks. In: NOHRIA, N.; ECCLES, R.G. **Networks and organizations**: structure, form, and action. Boston: Harvard Business School Press, 1992.

PROCOPIUK, M; FREY, K. Redes sociotécnicas de difusão de TICs em Porto Alegre e Curitiba. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

- PROVAN, K.G.; BEYER, J.M.; KRUYTBOSCH, C. Environmental linkages and power in resource-dependence relations between organizations. **Administrative Science Quarterly**, v. 25, June 1980.
- PROVAN, K.G; HUMAN, S.E. Organizational learning and the role of the network broker in small-firm manufacturing. In: GRANDORI, A. **Interfirm networks: organization and industrial competitiveness**. London: Routledge, 1999.
- RIBEIRO, A. C. T. A natureza do poder: técnica e ação social, **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.4, n.7, p.13-24, 2000.
- RIBEIRO, G. L. Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento. **Novos Estudos**, CEBRAP, n. 80, p. 109-125, mar. 2008
- RODRIGUES, L.C.; MACCARI, E.A.; RISCAROLLI, V. Arquitetura e competição em redes interorganizacionais. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, v. 4, n. 2, p. 175-196, 2007.
- ROSA, A. R. **(O) Braço Forte, (A) Mão Amiga**: um estudo sobre dominação masculina e violência simbólica em uma organização militar. 2007. 355 p. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Lavras, Lavras.
- THIRY-CHERQUES, H. R. **Pierre Bourdieu**: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v.40, n.1, p. 27-55, jan./fev. 2006.
- TURETA, C.; ROSA, A. R.; ÁVILA, S. C. Da Teoria Sistêmica ao Conceito de Redes Interorganizacionais: Um Estudo Exploratório da Teoria das Organizações. **Revista Eletrônica do Mestrado Em Administração da Unimep Raunimep**, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2006.
- VERSCHOORE, J. R.; BALESTRIN, A. Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 4, p. 1043-1069, out./dez. 2008.
- WACQUANT, L. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 26, p. 13-29, jun. 2006.
- YAMAGISHI, T.; COOK, K. S. Power relations in exchange networks: a comment on 'Network Exchange Theory'. **American Sociological Review**, v. 55, n. 2, p. 297-300, Apr. 1990.